

Migrações e sociabilidades em uma cidade contemporânea – Cascavel/PR

Migration and sociability in a contemporary city - Cascavel/PR

Maicon Mariano
Mestrando, PPGH-UDESC
Bolsista CAPES
maicon.mariano@yahoo.com.br

Resumo: O espaço de experiência na constituição da cidade de Cascavel, no Oeste do Estado do Paraná, proporcionou, para o final da década de 1970, visões sobre o futuro da cidade segundo o processo histórico de sua ocupação. É para o urbano que a migração se concentra e, no urbano, que os conflitos pela memória são representado em formas e monumentos (Praça do Migrante) e principalmente nas relações socioculturais de sua população.

Palavra-chaves: Cidade, Migração, Representações

Abstract: The space of experience in the constitution of the city of Cascavel, in the West of Parana State, provided to the end of the 1970, views on the future of the city, from the historical process of occupation. It is to urban migration that focus and urban conflicts are represented in memory by the forms and monuments (Praça do Migrante) sociocultural relations and especially of its population.

Keyword: City, Migration, Representation

Introdução

Este texto é um esboço de questões relacionadas ao projeto de pesquisa de dissertação em andamento no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. A pesquisa tem por objeto de estudo a cidade de Cascavel, situada no Oeste do Estado do Paraná, discutindo as transformações e ressignificações de sua ocupação urbana ulteriormente à segunda metade da década de 1970.

Em 1977 a cidade de Cascavel comemorou seus 25 anos de emancipação política do município de Foz do Iguaçu. Em pouco mais de duas décadas a cidade foi se destacando na região pela sua heterogeneidade e o rápido crescimento populacional, segundo dados do censo demográfico de 1950: a população que era de 404 pessoas passou

a contar com 162.459, já no final da década de 1970. Esse fenômeno migratório lhe conferiu a característica de maior cidade da região Oeste, oferecendo sentidos para difusão da importância em ser a :“Capital do Oeste”.

A migração para cidade é, também, advinda da expansiva mecanização do campo ao impôr a substituição de uma massa de trabalhadores que, removida, contribuíram para “explosão” populacional que atingiu o espaço urbano. Isso não ocorreu somente em Cascavel. A população do Estado do Paraná passou a ser predominantemente urbana justamente na passagem da década de 1970 para década de 1980. Esse fenômeno migratório é movido também por outras questões, como: a abertura de trabalho na construção civil, na construção de rodovias, ou mesmo, pela atração provocada na região a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipú, em 1975. Assim, compreendo que fluxos migratórios possuem diferentes motivações e a chegada na cidade não apresenta-se como destino totalmente previsto mas, como resultado de múltiplas trajetórias.

Hoje a região Oeste do Paraná é composta por 50 municípios – território este que era somente o município de Foz do Iguaçu até o início da década de 1950. A população da região é de aproximadamente 1 200 000 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, e a maior cidade continua a ser Cascavel, com 286.205 habitantes. A acelerada migração para cidade e as tensões na ocupação do espaço urbano reservou para o final da década de 1970 conflitos pela memória da ocupação, como: de onde vieram a maioria da população, quais as frentes migratórias que tiveram maior importância para cidade, quais os principais agentes do desenvolvimento e o local aonde começou o desenvolvimento urbano.

Assim, o espaço e a narrativa do processo da migração e da ocupação urbana estão relacionados a constituição e representações da Praça do Migrante. Aqui apresentado como estrato das representações e tensões do passado presente de Cascavel. Entregue em 1977, com objetivo de homenagear os migrantes que construíram a cidade, ela oferece uma narrativa da história sobre o acontecido e o que mereceu ser preservado. Desta forma, a atenção é para os sentidos da presença da Praça nas décadas que seguiram seu aparecimento e outros sentidos transmitidos por sua população.

Praça do Migrante: espaço de narrativas

“*A praça é do povo*”. Com essas palavras o prefeito de Cascavel Jacy Miguel Scanagatta entregava à comunidade, no dia 14 de Novembro de 1977, a Praça Florência Galafassi, ou, como é mais conhecida a Praça do Migrante. A referência de sua localização é entre a Avenida Brasil e a Avenida Tancredo Neves. A inauguração da Praça foi o ato público que abriu as festividades do aniversário da cidade que, comemorava seu Jubileu de Prata da emancipação de Foz do Iguaçu. O local escolhido para construção foi motivado por diversas razões representativas, sendo o lugar aonde se iniciou o desenvolvimento comercial urbano em Cascavel, no que foi antes identificada como: Encruzilhada.

A nomeação oficial da Praça é uma homenagem ao madeireiro Florêncio Galafassi, natural do Rio Grande do Sul. O migrante chegou a Cascavel em um avião monomotor no ano de 1948, uma situação, diga-se de passagem, bem distinta da maioria de seus contemporâneos. Galafassi jamais concorreu a qualquer cargo público na cidade, mas, a frente da poderosa Indústria Madeireira do Paraná, foi a mais influente personalidade acima de qualquer autoridade política do seu tempo. A figura do madeireiro é cercada de muitos mitos. Há um grande esforço para lembrá-lo entre as principais lideranças do desenvolvimento urbano de Cascavel. Benfeitor que doava, além de terrenos, a madeira para construção de hospitais e escolas. Faleceu em Abril de 1976, na cidade de Curitiba e foi homenageado com o nome da Praça, que, já estava em construção. Na ocasião da inauguração foi representado por seu filho Dércio Galafassi que era, também, presidente da Câmara Municipal de Cascavel, que falou para população presente:

Este primeiro quarto de século da vida administrativa municipal mostrou toda a pujança, o denodo e o sacrifício de um povo que altivamente olhou o futuro dessa terra agreste de então. Quais bandeirantes deste século, provindos de diferentes Estados da Federação, sobretudo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, eles foram chegando, trabalhando e se agrupando, unindo as vozes no decorrer do tempo, expressando com o seu labor, a finalidade de sua procura por estas placas” (Dércio Galafassi em: *Jornal O Paraná* 17 Novembro de 1977)

No entanto, a Praça é mais conhecida por Migrante. Seu projeto e formato tornou-se vencedor de um concurso municipal, elaborado pelos arquitetos Joel Ramalho Júnior,

Leonardo Oba e Guilherme Zanardo, da cidade de Curitiba. Eles idealizaram um monumento no centro da Praça capaz de sintetizar o sentido próprio para o processo histórico da ocupação na cidade, reservando para aquele novo espaço público a conformação da cidade encontrada com o Brasil regionalizado. O monumento em questão é formado por cinco placas de concreto que, representa as cinco regiões do Brasil: Sul, Nordeste, Sudoeste, Centro-Oeste e Norte. Em tamanhos diferentes, para a proporção de migrantes procedentes de cada região.

As placas erguidas sugerem a harmonia e o encontro das diferentes regiões que formaram o país e que se fazem presentes na formação da cidade. Assim, o Brasil se encontra em Cascavel. Pelo menos é o que deixam explícito os arquitetos idealizadores do monumento: “[...] simboliza, com encontro das placas, o migrante vindo de diversas origens com suas características próprias, culturas, sentimentos, conseguindo com voz inísona atingir o ideal comum”¹. Demonstrar o encontro de diferentes povos e culturas em forma de monumento, artisticamente pensado, não simplifica, entretanto, que a população representada se reconheçam naquelas formas estranhas.

O território brasileiro foi e continua sendo pensado e redimensionado por múltiplas questões socioculturais que se movimentam e também mostram que identidades nacionais e regionais são construídas. O período de formação dos Estados Nacionais acentuou a busca por elementos culturais que caracterizam o espaço da nação, constituindo identidades culturais, como considera Stuart Hall: “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (2006, p.49), e variados são os modos como as representações estão ancoradas nos imaginários nacionais.

Nesta escala regional poderemos encontrar em alguns Estados como: Paraná e Santa Catarina, conflitos sobre as construções de uma identidade regional suprema, muito em conta dos diversos povos e momentos que reocuparam esses territórios. Pierre Bourdieu (2010) contribui para o entendimento que a construção do regionalismo ou nacionalismo tem seu principal argumento pautado nas lutas simbólicas, pois nelas se encontram os agentes responsáveis na construção dos discursos que instituem verdades sobre esses espaços.

O monumento ao migrante é como um gráfico nacional visualizados nas placas de concreto. As placas maiores representam os estados do Sul e do Nordeste – regiões de

¹ Jornal *O Paraná*, 1976.

origem da maioria da população que ocupou a cidade. Já as menores placas representam, respectivamente, o Centro-Oeste, Sudeste e Norte. Há uma dificuldade de parar próximo a Praça e atentar para os detalhes específicos de cada uma delas que a primeira vista parecem ser todas iguais. Mais difícil ainda é visualizar uma bancada de concreto em baixo de uma delas, simbolizando os povos oriundos do Norte que oferecem café aos povos do Sul, que por sua vez, esquentariam água para o chimarrão no fogo de chão em um buraco que ali havia. Representações simbólicas alinhavadas ao encontro de duas frentes migratória representadas em formas modernas da arquitetura.

Antes mesmo da construção, respondendo a manifestações questionadoras sobre a arquitetura da Praça, a prefeitura municipal de Cascavel emitiu nota esclarecendo a população e a imprensa, que não havia por parte do Paço Municipal, qualquer mudança no desenho original do projeto. O objetivo e a mensagem que buscava transmitir com o monumento da Praça pareciam ter sido absorvidos pela população, mas, o que acabou incomodando foi o apelido atribuído ao local: “Tobogã”. Tal denominação souou como depreciativo a um monumento importante da cidade. Seu desenho ia de encontro com formas modernas, eis para que “[...] seu significado salte aos olhos de um mero observador”².

Todavia, o problema que perdurou, antes mesmo da construção, foi em relação às limitações e restrições ao uso público do espaço. Localizada no alto da Avenida Brasil, a Praça está ilhada em uma rótula de ligação entre a Avenida Brasil e a Avenida Tancredo Neves, isso significa que, desde o projeto original, existe a ausência de um caminho seguro e exclusivo para aqueles que desejam atravessar as Avenidas e usufruir de seu espaço. Desta forma, outra possibilidade que foi advertida pelos arquitetos, mas refutada, seria a ideia de função do espaço público da Praça do Migrante como obra meramente contemplativa. Mas, sem a presença efetiva e constante da população foi o que acabou em parte ocorrendo.

A presença deste monumento em Cascavel constitui uma oportunidade para outras indagações sobre o processo de transformações e ressignificações urbanas. Esse monumento possui a característica de estar associado ao poder de perpetuação intencional de uma evidência história na sociedade cascavelense, foi constituído como legado à

² Jornal *O Paraná*, 30 de Novembro de 1977.

memória coletiva, aos migrantes que construíram a cidade. Além de ser, claro, uma obra comemorativa cujos traços de sua arquitetura moderna articulam-se ao tempo presente, de outro perfil de cidade em transformação na segunda metade da década de 1970.



Imagem 1: Praça do Migrante – Interior da Praça

Fonte: Arquivo pessoal – Fevereiro de 2011



Imagem 2 - Praça do Migrante – Rotatória

Fonte: Arquivo pessoal – Fevereiro 2011

Praça do Migrante? Onde? Essas indagações estão contidas nas páginas da *Revista Século*³ de Cascavel, na edição de Dezembro de 2002. A matéria reivindica a lembrança do nome oficial do lugar: “Ela foi batizada com este nome em 1977, em homenagem a um dos principais pioneiros do município. A denominação Migrante foi dada apenas ao monumento construído, no centro da Praça e que chama a atenção por suas rampas que apontem para o céu” (Revista Século, Dezembro de 2001, p 15-16). Na mesma edição, foi possível perceber outros conflitos pela memória, quando a convite da Revista, o ex-vereador Dércio Galaffasi, como autoridade para falar sobre o assunto, ratificou que a rampa mais alta “[...] está voltada para o Sul, destacando o predomínio dos desbravadores vindos daquela região. O mais curto representa a chegada de moradores dos outros 19 estados da federação, na época composta por 22 estados”.

Algumas versões não se encontram em conformidade. A rampa menor, que segundo os arquitetos representava a população vinda da região Norte, teve outra versão com Dércio Galaffasi, segundo a qual representava todos os outros. E o que não deixa de ser verdade é que o nome oficial não é Migrante, mas, tampouco é um apelido. A Praça já era denominada como Migrante⁴, anos antes de sua entrega. Sobre o estado de conservação da Praça no ano de 2002, era visível outras modificações, expostas pela revista, como as camadas de “escamas de cimento” postas sobre as rampas a fim de evitar seu uso por skatistas “o que as vezes acontece ainda apesar dos obstáculos”. Outras revitalizações porque, desde a década de 1980 os grupos de skatistas ou ciclistas eram os poucos que a usavam, quando o lugar foi aos poucos sendo abandonado.

A mais recente revitalização foi em 2004. Praticamente uma reestruturação. Além da colocação de um novo chafariz e espelho d' água, foram inseridos novos elementos como mastros para colocação das respectivas bandeiras de cada Estado da federação e do Distrito Federal, sendo as maiores a bandeira oficial do Brasil e de Cascavel. A limpeza no terreno renovou sua aparência, modificaram sensivelmente o formato original, implicaram em novas formas de reconhecimento: além de Migrante, ela é referenciada como a Praça da Bandeira ou Praça do Chafariz⁵. A revitalização proporcionou mais monitoramento

³ A Revista *Século*, do início da década de 2000, tinha entre seus principais patrocinadores empresas locais.

⁴ Trata-se de informações contidas no Jornal O Paraná em mais de uma edição, no ano de 1976, apenas com o nome: Migrante.

⁵ Após a reinauguração, o novo chafariz ficou dias consecutivos funcionando ininterruptamente. Quando por

principalmente durante o noite. Pois, anteriormente ela passou a representar uma ameaça quando, grupos de andarilhos se encontravam para nela se abrigam o que publicamente expõem a carência de seus direitos à cidade:

A contrapelo de uma ordem pública ritualizada pelo policiamento ostensivo, outras contratualidades e racionalidades constituem-se em contextos espaços-temporais flexíveis e repolitizam o que se configura como “lugar público” por excelência, nas grandes cidades brasileiras contemporâneas (ARANTES, 2000, p. 108)

Há todo um jogo de intencionalidades políticas implícitas nas revitalizações e reelaboração da Praça do Migrante. Nos últimos anos, após a revitalização de 2004, a imagem da Praça voltou a ser um dos cartões postais da cidade, e na data do aniversário talvez o símbolo mais difundido. Por tudo que representa a Praça Flôrencio Galafassi é um monumento histórico, datado, vinculando a um objeto cuja instituição como tal é posterior à sua criação, ou naquilo que se enraízam no presente e olham para o passado. O tributo é dado a um pioneiro, e não por tratar-se de mais um migrante. Uma praça, que sem dúvida, é um patrimônio público e cultural da cidade de Cascavel. Patrimônio no entendimento de Nestor Canclini, em suas outras atribuições:

O patrimônio cultural serve, assim, como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que gozam de um acesso preferencial à produção e distribuição dos bens. Os setores dominantes não só definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, mas também dispõem dos meios econômicos e intelectuais, tempo de trabalho de ócio, para imprimir a esses bens maior qualidade e refinamento (CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, n.23 p.94-115, 1994)

Durante o primeiro semestre de 2011, ao levantar as fontes para a pesquisa, conversei com alguns moradores sobre a Praça do Migrante. A intenção era apreender através da experiência vivida, os sentidos e significados que o monumento transmite para aqueles que migraram para a cidade por volta da década de 1970, contemporâneos à construção da Praça. O que pude perceber é que a Praça não é invisível, todos a conhecem e sabem precisamente sua localização. O simbolismo do monumento, da mesma forma,

força maior teve que ser desligado. O motivo foi que alguém no período noturno lançou no espelho d'água um caixa de sabão em pó, formando uma espuma que já alcançava a rua.

teve descritivo bem inteirado. Mas, ao falar sobre a Praça com as pessoas, o assunto logo se esgotava com uma resposta simples a título de informação. A partir dessa experiência, dois fragmentos de diálogos com os moradores podem ser visualizados a seguir.

O primeiro é de Osíris, setenta e dois anos, natural de Paranaguá, veio em 1974 para Cascavel, por razões de trabalho, era escriturário no Banco Itaú. Logo em 1978 ao sair do banco iniciou novo trabalho como taxista, função na qual continua em atividade. Osíris com um discernimento e a precisão que a profissão lhe exige, descreveu de forma alinhada os diferentes lugares que conhecia. Sobre a Praça do Migrante respondeu:

É um ponto de referência. Na gestão do [prefeito] Jacy Scanagatta foi feito. Foi feito aquela Praça em homenagem aos migrantes que vieram pra cá e ali é hasteada a bandeira do Brasil e de todos os estados e a municipal, então tem muita importância. Fica em local muito privilegiado na cidade e ela é importante por essa razão.

- Como o senhor?

- Como eu, eu sou um migrante.⁶

Na sua jornada de trabalho, Osíris, passa praticamente todos os dias, e mais de uma vez, pela Praça. Compreende o uso da Praça como uma circunscrição necessária para delimitar uma área que foge ao espaço da mesma. “É um ponto de referência”, mesmo porque o nome Migrante foi sendo reempregado para outros espaços e pontos comerciais em suas proximidades, como a agência do Banco do Brasil: agência do Migrante, lotérica do Migrante, entre outros.

Outra moradora com que tive a oportunidade de conversar é Inês Monaretto, moradora do bairro Guarujá. Natural de Água Doce, Santa Catarina, acompanhou sua família que migrou para Cascavel ainda no início da década de 1960. Em 1971, para ter sua vida independente, mudou-se para a cidade de São Paulo, local onde por vinte anos exerceu a profissão de contadora. Inês retornou a Cascavel em definitivo na década de 1990. Ao ser perguntada sobre a Praça, ela respondeu:

Eu conheço, passo muitas vezes por lá, agora a gente passa de carro acaba não parando na praça. Sim ela tem [significado], sabe porque? A cidade ela é forma por migrantes. Lógico esses migrantes vieram se instalaram e seus filhos nasceram aqui, muita gente jovem é daqui. Mas, eu acho por ser fundada por migrantes. Então no meu ponto de vista vejo

⁶ Entrevista com Osíris Serafim, 72 anos, 21 de Abril 2011 – Estação Rodoviária de Cascavel.

que, deram o nome dessa praça por causa disso, por ter muitos. Agora particularmente se tem outro significado eu não sei.⁷

A pergunta sobre a Praça foi uma das últimas da entrevista, bem que poderia passar batida. Pois, não se encontra entre os lugares da cidade significativos em sua memória. Inês saiu de Cascavel e viveu muitos anos na cidade de São Paulo, mas, manteve o contato e visitas regulares à sua família que permaneceu em Cascavel. Segundo Inês, quando conseguia pegar férias de seu trabalho, permanecia alguns dias em Cascavel, e surpreendia-se com seu crescimento urbano. Inês articulou sua resposta em relação ao sentido da praça a ser conhecida como migrante: “A cidade é formada por migrantes”, mas, dos lugares que importam sentidos e significados de mudança, a Rua Pio XII, transversal da Avenida Brasil e próxima a Praça do Migrante, é lugar mais citado como referência da memória de seu passado, do passado da cidade, bem como, das transformações da cidade e sua vida. Abaixo algumas temporalidades se encontram nesse lugar:

Muito bem. Quando eu sei de Cascavel era longe para tudo, era longe de onde minha família morava em relação ao centro. As vezes que eu vinha aqui se desenvolvia. Então eu descia na rodoviária pegava um taxi, ou meus irmãos iam me buscar, e descia a Pio XII. Na época era aquela laminadora, e já estava tudo cidade! O desenvolvimento estava sendo tão grande. Naquela época era tudo estrada de chão ainda, e já estava tudo asfaltado e já estava progredindo crescendo então aquilo para mim era um sonho!⁸

Esse trecho da fala de Inês é carregado do sentimento de otimismo e perspectiva positiva das transformações que presenciou em relação ao crescimento e desenvolvimento urbano. A Praça para seus moradores tem a importância de um lugar da cidade. Um lugar de referência urbana, um lugar de convergência na organização do trânsito. Um lugar próprio da cidade. Ou apenas um lugar de passagem dentro da cidade. Neste sentido existe um distanciamento entre a experiência da população que deu sentido e razões para construção da Praça, e o sentido que a mesma tem para a vida da população. “Mas, para dar ao tempo da história um contraponto espacial digno de uma ciência humana, é preciso elevar-se um grau acima na escala da racionalização do lugar. É preciso proceder do espaço construído da arquitetura à terra habitada da geografia” (RICOEUR, 2007, p. 160).

⁷ Entrevista com Inês Monaretto, 62 anos, 03 de Abril de 2011 - Associação dos Moradores do bairro Guarujá.

⁸ Idem.

Considerações finais

Não há como negar o crescimento e desenvolvimento econômico, nem mesmo a concentração regional que existem em Cascavel. Marco de sua organização, orientado pela Avenida Brasil, seu desenho oferece leituras sobre as constituições temporais vividas na cidade desde quando a Avenida era a principal estrada em direção ao litoral ou ao sentido de Foz do Iguaçu.

Modificações e remodelamento na forma e trajeto nos oferecem caminhos a entender a ocupação e transformações no conteúdo urbano da cidade. As novas formas de cidades carregam consigo o paradoxo do que é e do que não é, “Só tem realidade nos conteúdos e, no entanto separa-se deles” (LEFREBVRE, 2009). O ordenamento do espaço é reordenado pelos usos entre as relações sociais mais gerais, coexistindo pelas discontinuidades temporais e espaciais. A Praça do Migrante localizada em ponto estratégico e simbólico, sua presença em meio a Avenida Brasil, se dá pela importância cultural e política, no qual seu uso restrito ao contemplativo sobressaia a efetiva presença humana em seus espaços.

Portanto, não há apenas o movimento de pessoas de um lugar para outro, mas sim de sujeitos sociais provenientes de espaços geográficos diferentes, espaços sociais distantes e realidades sociais contraditórias. Do mesmo modo, as migrações temporárias são evidenciadas pelos desencontros temporais marcados nas trajetórias de seus agentes. Todavia, ao evidenciar a importância de entender os fluxos, não se faz menos importante compreender as fronteiras e suas demarcações, sua presença que projetam realocações nos espaços físicos como imaginado.

A concepção de identidade regional no Oeste do Paraná como em outras regiões do Brasil, não são realidades naturais, surgem e transformam-se por divisões estabelecidas pelo mundo social, rearranjadas no campo de disputas políticas. Desta forma, a cidade não está aquém desta intrínseca relação, mesmo porque seus espaços são agregados de tensões e conflitos, o próprio ambiente urbano cotidianamente trilhado constitui fronteiras simbólicas, geradas pelas confluências de múltiplos territórios, dos lugares e não lugares entrecruzados. Logo, é na cidade de Cascavel que o processo histórico vivido esta

representado em formas e monumentos (Praça do Migrante), na produção de discursos regionais (Cascavel: Capital do Oeste), e principalmente nas relações socioculturais de sua população.

Referências

- AGNÈS CHAUVEAU E PHILIPPE TÉTART (ORG) Questões para a história do presente. São Paulo: Edusc, 1997
- CERTEAU, Michel de; LUCE, Gird; PIERRE, Mayol, A Invenção Do Cotidiano 2. Moras, Cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natério; DIAS, Solange Irene Smolarek. Cascavel: um pedaço no tempo. A história do planejamento urbano. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.
- DURHAM .Eunice Ribeiro. A Caminho da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FERREIA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio 2006.
- MARIANO, Maicon. Memória e cidade: A cidade de cascavel a partir das narrativas dos moradores do bairro jardim floresta Cascavel 1980 – 2008. Marechal Cândido Rondon, UNIOESTE. 2008 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- MARICATO. Ermínia. Política Habitacional do Regime Militar: Do Milagre Brasileiro a Crise Econômica. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- MENESES, Upiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória do campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: IEB, nº 34, 1992.
- PIAIA, Wander. A ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel: As singularidade de uma cidade comum. 2004. Tese (doutorado em história). UFF.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto história. São Paulo, PUC / SP, nº 14, 1997.
- REVEL, Jacques. Jogos de Escala. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. A história do Tempo Presente, vinte anos depois. In PORTO JR., Gilberto (org). História do Tempo Presente. Bauru: EDUSC, 2007.

SPERANÇA, Alceu. Cascavel: A História. Curitiba: Editora Lagarto, 1992.